

Da recepção à produção de fábulas: uma proposta de letramento mediado pelo uso de tecnologias móveis

Rejane Aguiar da Silva

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Câmpus* Londrina

Evandro de Melo Catelão

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Câmpus* Londrina

Resumo

O presente artigo (parte de uma dissertação ainda em desenvolvimento) pretende descrever uma proposta de sequência didática que utiliza o gênero fábula como elemento impulsionador para a promoção de letramento. A pesquisa é teoricamente fundamentada em trabalhos sociointeracionistas e que tratam dos multiletramentos pedagógicos (BRONCKART, 2006; ROJO, 2012; XAVIER, 2005). Com essas bases, desenvolveu-se um trabalho interventivo-qualitativo na disciplina de Língua Portuguesa (LP), tomando como norte um projeto piloto que incorporou tecnologias móveis e ambientes virtuais ao currículo de LP na educação básica. Resultados indicam que a prática pode possibilitar uma mobilização interativa positiva nas tarefas de compreensão de gêneros, além de maior interesse dos discentes em aspectos internos aos conteúdos da disciplina (literários e linguísticos).

Palavras-chave: Fábula. Letramento. Tecnologia. Ensino.

Abstract

This paper, which is part of a dissertation in progress, describes a proposal of a didactic sequence that uses the fable genre as a catalyst element for promoting literacy. The research is theoretically based on social interaction and pedagogical multiliteracies (BRONCKART, 2006; ROJO, 2012; XAVIER, 2005). From this base, an interventionist-quality study was developed in the Portuguese Language (LP), using a pilot project that incorporated mobile technologies and virtual environments in an LP curriculum in basic education. Results indicate that this practice can enable students to have positive interactive mobilization in genre comprehension tasks as well as increased interest in internal aspects of the discipline, both literary and linguistic.

Key words: Fable. Literacy. Technology. Teaching.

INTRODUÇÃO

É consenso que não há fórmula mágica que garanta que a intenção e a ação de ensinar se concretize no aprendizado do alunado. O ato, tomado como um todo

significativo na relação “ensino-aprendizagem” tão arraigada na nossa cultura, não garante a nenhuma das partes que as ações propostas estejam asseguradas em sala de aula.

Na organização da Língua Portuguesa (LP), enquanto disciplina escolar, a relação professor-aluno, bem como a relação ensino-aprendizagem, apresenta-se desgastada por uma rotina burocratizada em métodos, sistematização de regras e teorias que prescrevem os trabalhos e terminam por frustrar ambos os lados. O primeiro, por não sentir que o aluno apreendeu os conteúdos estruturantes a serem cumpridos; o segundo, por não conseguir extrair o aspecto prático e socializante promovidos em parte pelo domínio da língua.

Pensando nesses aspectos, neste artigo serão abordadas as relações de linguagem diante dos processos de ensino e aprendizagem sob a perspectiva teórica de Bronckart (2006), explicitando como o interacionismo sociodiscursivo (ISD) pode colaborar para que as práticas educacionais relacionem, efetivamente, o ensinar e o aprender. Ainda sob este embasamento teórico, tem-se o objetivo de apresentar uma proposta de trabalho com gêneros textuais em ambientes digitais na escola, indicando formas de colaboração e promoção de um ensino inovador (de acordo com as novas necessidades que os textos multimodais que no rodeiam demandam) e de qualidade.

Como modo de tornar mais explícita tal proposta, serão utilizados aspectos teóricos sobre multiletramentos com base em Rojo (2012) e Xavier (2005). Esses autores questionam a validade de atividades didático-pedagógicas desenvolvidas em aulas “analógicas”, confrontando com propostas de atividades digitais e uso de novas tecnologias. Prioriza-se, sobretudo, a necessidade de preparar os alunos às diversas situações sociais que exigirão deles diferentes capacidades linguísticas. Enquanto base para a prática didática, por ser o elemento impulsionador o gênero textual literário fábulas, será também abordada a proposta de letramento literário defendida por Cosson (2014).

Da possibilidade de inovação das práticas pedagógicas por meio das novas tecnologias, surgem as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), já comuns às práticas sociais em muitas esferas sociais. A popularidade de equipamentos como

smartphones, tablet e equipamentos que permitem o acesso à *web 3.0* possibilita formas de contribuição para a sequência didática piloto da presente proposta, quando inserida no ambiente escolar.

Nesses limites, apresenta-se uma proposta de trabalho com o gênero textual fábula (projeto de letramento e ensino-aprendizagem de LP mediado por atividades na rede social, além de recursos audiovisuais) que se mostrou positivo como ferramenta de mediação tecnológica em atividades que visam múltiplos olhares (e por que não dizer multiletramentos) do alunado.

MATERIAL E MÉTODOS: O GÊNERO TEXTUAL E OS ATOS DE ENSINAR E APRENDER

A interação presente nas relações sociais exige dos enunciadores a produção de textos que mobilizem as ações verbais e, desta maneira, concebe o ensino de línguas sob o viés da necessidade de um processo de ensino-aprendizagem voltado aos gêneros textuais, como afirma Marcuschi (2008):

é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Daí a centralidade da noção de gênero textual no trato sociointerativo da produção linguística. (MARCUSCHI, 2008. p.154)

Nas relações sociais que envolvem a sala de aula, existem inúmeros gêneros textuais que permeiam o dia a dia escolar (ou não) e interferem diretamente no cotidiano do alunado. Desde a elaboração do plano de aula, os diversos textos que lhes são apresentados para leituras e, para a aula em si, culminam nas produções exigidas pela disciplina. Neste sentido, onde os gêneros textuais são indissociáveis do trabalho escolar, é impossível conceber um ensino de língua que enfatize a sistematização e coloque-se alheio às situações interacionais.

As práticas comunicativas estão presentes em todo momento da vida em sociedade, a respeito das condutas humanas que envolvem a produção de textos enquanto ações presentes na interação social, Bronckart (2006, p.139) afirma que elas são “resultados das avaliações sociais de linguagem referente às atividades coletivas”. Desta forma, pode-se afirmar que o uso da língua depende da interação entre o coletivo; dentro do contexto escolar, o autor afirma ainda que são as interações professor/aluno que constituem o centro da atividade educacional (p. 228).

No que diz respeito ao trabalho escolar com a língua materna, algumas considerações de Marcuschi (2008) são relevantes para a compreensão da abordagem interacionista nesse contexto: primeiro quando afirma que “a língua é um sistema de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua” (p. 61), sensivelmente perceptível nas atividades mais comuns nas quais se aplica frequentemente atitudes dialógicas; depois porque se trata de um fenômeno empírico que contempla “um sistema heterogêneo, social, variável, interativo”, refletindo sobre outros pontos como os de adequação de falares (p. 65), entre outros. Desta forma, quando se pretende levar o alunado ao letramento, a relação dialógica entre professor/aluno deve contemplar o que Soares (2012, p. 72) explicita enquanto dimensão social do letramento: “não é (o letramento) pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social”.

Quanto a este contexto social, que envolve a vivência de toda comunidade escolar, torna-se inviável imaginar uma escola não engajada aos acontecimentos diários e disposta a dialogar com os fatores comunicacionais que permitem uma visão mais global sobre os contextos de recepção/leitura e produção dos textos em sala de aula.

Ao conceber a linguagem desta maneira, considera-se que as atividades humanas se constituem na e pela apropriação da linguagem, ou seja, será pelas interações sociais que a dinâmica da linguagem se construirá, sob a condição de estabelecer-se enquanto ação comunicativa. Por isso, quanto ao ensino de LP, duas atitudes são necessárias ao professor: pensar em ações que priorizem o desenvolvimento de habilidades de interação social nas mais diversas situações comunicativas; pensar no modo como elas se estabelecem enquanto sequências didáticas, grosso modo, o que fazer e como fazer.

Tais operações (o que e como fazer) estão minuciosamente descritas em inúmeros planos docentes de trabalho produzidos em larga escala e objetos a serem seguidos à risca por professores de todo o Brasil. O que aqui se almeja discutir não é a validade destes documentos, mas como algumas práticas e sequências neles descritas podem ser adequadas ao perfil do alunado e ao que é esperado nele desenvolver.

Sabe-se que as novas ferramentas tecnológicas e os ambientes virtuais fazem parte do cotidiano da maioria dos sujeitos-discentes brasileiros, estes facilmente identificados pela utilização em larga escala de ferramentas e produtos digitais. Devido

à presença deste novo alunado, pode-se perceber uma significativa mudança em suas atividades comunicativas e na maneira como interagem socialmente. Essas mudanças são capazes de gerar um grande embate quando a escola forçadamente insere os alunos nos moldes da aula “analógica” – aquela que não faz uso de recursos tecnológicos de qualquer espécie. Este confronto geracional (aula “desconectada”/alunos “conectados”) acaba por não contribuir ao processo de ensino-aprendizagem, tampouco ao desenvolvimento cognitivo dos sujeitos-discentes.

Nesse sentido, enfoca-se neste trabalho a necessidade de refletir acerca do exercício docente mediado por novas tecnologias e enquanto uma prática viável para o ensino-aprendizagem, ou seja, não somente enquanto uma necessidade de apresentar práticas às pesquisas teóricas, mas de utilizar conceitos que englobam as práticas com gêneros textuais, objetivando a concepção/utilização da linguagem pelo alunado (ROJO, 2012).

Ao se fazer presente, o trabalho com gêneros textuais é imprescindível para a efetivação do letramento, principalmente, em uma correlação com um ensino interacionista e dialógico (consoante também às propostas governamentais). Desta maneira, as ações práticas que serão aqui apresentadas visam permitir a assimilação de conteúdos e a internalização dos aspectos teórico-práticos-sociais da linguagem. Sob tal perspectiva, para a prática didático-pedagógica utilizou-se o gênero textual literário impulsionador fábula, presente também no currículo escolar.

O GÊNERO TEXTUAL LITERÁRIO FÁBULA

Partindo de sua definição corrente (socio-interacionistas), os gêneros podem ser entendidos como “textos materializados em situações comunicativas recorrentes[...] escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas” (Marcuschi, 2008, p. 155). No espaço discursivo (onde é possível situar as práticas interativas de linguagem e as várias esferas de circulação) encontra-se não um gênero em particular, mas um conjunto denominado por alguns autores como domínios discursivos. O gênero textual fábula, por exemplo, circula no domínio discursivo literário (DDL). Nele são definidas as relações intrínsecas e que lhes são próprias, como a subjetividade, a

literariedade, necessárias para atingir, no processo de recepção-interpretação-produção do alunado, suas características formais/discursivas.

A fábula é, segundo Köche (2012), uma narrativa alegórica curta que tem por objetivo transmitir uma lição de moral. Neste sentido, a escolha das personagens, a temática e o conteúdo da fábula serão organizados em torno de atitudes humanas, em tom alegórico e de modo a compor o que Vale (2001, p. 43) estrutura em *corpo* e *alma*, sendo o primeiro onde se revelam as ações realizadas das personagens e o segundo onde se coloca a moral, isto é, uma frase que explicita o ensinamento pretendido.

A fábula formalmente pode ser definida como fórmula literária específica tratada como uma narrativa breve, em prosa ou em verso cujos personagens seriam, via de regra, animais, encenando uma lição, um princípio ético, político ou literário que se depreende facilmente, ou seja, as chamadas verdades gerais – inerentes à humanidade, à experiência de vida, à noção filosófica do bem e do mal (PORTELLA, 1983). Para Portella (1983), a fábula exerceu e exerce ainda hoje força inerente à intenção discursiva do momento de produção, a qual é possível apreender alguns momentos principais em sua história: contada por Esopo, por exemplo, teve a finalidade de dar um conselho de vida; em Fedro, objetivou fazer crítica a alguém; já em La Fontaine, talvez o mais conhecido, teve na narrativa sua força dominante, justamente por ter como objetivo o divertimento, atendia a efeitos poéticos grandiosos.

A inclusão deste gênero em aulas de LP deve-se principalmente à característica de ter em seu plano de texto um trecho facilitador do processo interpretativo: a *alma*. No contexto do leitor que se encontra em formação, a presença da *alma* ou moral que contribui para a compreensão do sentido do texto, ao conduzir o leitor ao lugar-comum do conselho ou da transmissão do ensinamento, a fábula permite ao leitor o acesso à multiplicidade da linguagem, fazendo com que perceba a ligação entre a linguagem predominantemente conotativa presente no *corpo* e a denotativa da *moral*.

A história literária demonstra que as fábulas sobreviveram às mudanças sociais e ao tempo, elas se perpetuam e são continuamente reescritas, pois elas tratam de conceitos humanos que têm seu antagonista, um guia nas ações das personagens pela narrativa: a preguiça da cigarra, o trabalho da formiga, a bondade do cordeiro, a esperteza da raposa ou a agilidade da lebre. Serão as características comuns aos seres

humanos, que, atribuídas aos animais no *corpo* do texto e retomadas ao contexto humano na *alma*, que atribuem ao gênero formato e estética literária.

Na proposta de intervenção didático-pedagógica a ser explanada, inspirada na pesquisa de Santos (2014), o quadro-síntese a seguir (criado para a presente pesquisa) levanta traços mais característicos do gênero de forma a didatizar suas peculiaridades e orientar de forma mais direta aspectos composicionais, discursivos, literários e norteadores da sequência didática:

TRAÇOS CARACTERÍSTICOS	GÊNERO TEXTUAL LITERÁRIO
1. Nome específico	FÁBULA
2. Contexto de produção, recepção e circulação <ul style="list-style-type: none"> a) Produtor b) Leitor previsto c) Suporte (material físico que carrega o gênero) d) Tempo e) Lugar f) Evento deflagrador 	<ul style="list-style-type: none"> a) Autor de texto literário b) Estudantes, professores da educação básica c) Livro impresso ou suporte digital, caderno de atividades dos alunos d) Duas aulas (ou mais) e) Sala de aula ou outro local f) Necessidade de promover letramento e letramento literário nos alunos da educação básica (na perspectiva do professor); Interesse pessoal de fazer crítica social, denúncia, provocar reflexão; integrar novas tecnologias com as práticas tradicionais.
3. Temática possível para o gênero (conteúdo)	Atitudes humanas e acontecimentos do cotidiano colocados em ambiente alegórico, representados por animais. O conteúdo, metaforicamente, evidencia um conflito humano.
4. Função (propósito comunicativo)	Narrar uma ação de maneira alegórica, sem muitos detalhes, em um espaço restrito, sem indicação temporal; personificar com animais; Ensinar, didatizar, sugerir uma lição de ensinamento ou aconselhamento; Efeitos poéticos de deleite (quando prosa poética).
5. Linguagem (estilo)	Escrita formal ou coloquial, clara, coerente, coesa, concisa, de fácil compreensão, narrador geralmente em 3ª pessoa do discurso. Elevado grau de autoria (estilismo) no corpo do texto. Narrador emprega geralmente verbos no pretérito perfeito, há diálogo entre as personagens no presente do modo indicativo.
6. Organização (estrutura)	Mais comumente escrita em prosa, podendo aparecer

composicional)	<p>também em verso, geralmente apresenta também os seguintes itens:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Título (passeado em nomes dos animais personagens); • Sequência narrativa base (situação inicial, nó desencadeador, re-ação ou avaliação, desenlace, situação final) + inserção de sequência dialogal/descriptiva e explicativa (opcional). • Moral da história (sequência argumentativa).
----------------	--

Adaptação dos autores para o modelo proposto por SANTOS (2014)

A Fábula em Sala de Aula

É característica do trabalho com gênero textual, por envolver linguagem, permitir ao professor aproximar seu alunado de vários outros textos. Desta forma, o que se pretende é a tomada da fábula enquanto um texto inicial ou deflagrador de atividades de recepção, leitura e interpretação de diversos outros textos, sejam eles pertencentes ou não ao mesmo gênero, mas que auxiliem no processo de letramento (ou multiletramento) proposto em sala de aula.

As possíveis intertextualidades com o gênero fábula poderão ser contempladas pelo professor a partir de algumas aproximações:

a) **discurso:** apólogo (narrativa protagonizada por objetos inanimados) e parábola (protagonizada por humanos, comunica uma lição ética);

b) **personagens:** contos de fada, contos infantis e a função dos animais nestes textos. A estratégia de aproximação se dará a partir da caracterização das personagens e o objetivo pode contemplar a produção de uma moral a estas histórias, transformando-as em fábulas.

c) **temática:** orgulho, desonestidade, crimes ou até mesmo ações solidárias podem aproximar o leitor de fábulas a perceber o mesmo conteúdo temático em diversos outros textos e suportes (local onde se materializam). É possível o trabalho com diversos textos de cunho jornalístico: notícias, reportagens, anúncios publicitários e classificados nos contextos de recepção, interpretação e produção de textos pelos alunos.

d) **digitais:** a ambientação da fábula em ambiente virtual pode culminar na produção e/ou recepção de vários outros gêneros digitais: memes, vídeos, vlog, miniblog (*twitter*), *Stop-motion* etc.

Diante do exposto e da intervenção didática a ser aplicada em sala de aula, a estratégia de recepção dos textos proposta pela presente pesquisa passa pelo conceito da prática didática em ambiente virtual. A seguir, as descrições são possibilidades de trabalho e as discussões baseiam-se na aplicação do projeto-piloto.

A Ambientação Virtual: Rede Social e Tecnologias Móveis como ferramentas para o trabalho com as fábulas

Uma parte significativa das atividades sociais já incorporou o uso das novas tecnologias ou ferramentas conectadas à rede. No contexto da nova geração, são encontradas enquanto características do alunado pertencente à geração Z¹: sua presença em ambiente virtual, perfis em redes sociais e a comunicação instantânea via web. São fatores que corroboram para a concepção de uma ambientação escolar que contemple as características multissemióticas e multiespaciais dos alunos.

Ao abordar o conceito de multissemiose, (anteriormente denominado multimodalidade), Rojo (2012, p.19) afirma que o termo contempla os múltiplos sentidos possíveis encontrados nos “textos compostos de muitas linguagens e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” e ainda ressalta que o trabalho em escola deve contemplar:

as possibilidades de práticas de que os alunos se transformem em criadores de sentidos. Para que isso seja possível, é necessário que eles sejam analistas críticos, capazes de transformar os discursos e significações, seja na recepção ou na produção. (ROJO, 2012, p.29)

Emerge desta fundamentação a necessidade do letramento dos alunos via ambientação virtual, a partir das características inerentes à realidade geracional (geração Z), assim, a adaptação das aulas de língua tende a colaborar positivamente com a aquisição do conhecimento via pluralidade, ou multissemiose, dos textos digitais.

Para Soares (2002, p. 11), letramento digital é “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e

¹ Nascidos após 1995 (ano da divulgação do Windows 95) e a possibilidade das multitarefas em ambientação digital e *on-line*. Indivíduos “críticos, dinâmicos, exigentes”. Conceito retirado de <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/20/politica/1424439314_489517.html>. Acesso em 20 jun. 2016.

de escrita na tela”. Pensar, portanto, em um ensino moldado nos contextos contemporâneos pressupõe a mediação das redes sociais e das novas tecnologias.

Partindo destes pressupostos e da necessidade de desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita de diversos gêneros textuais, o processo de ensino-aprendizagem de LP em ambiente virtual permite contemplar modos de ler, compreender e escrever por meio de linguagens multimodais: o letramento digital. Segundo Xavier (2005, p.135):

O letramento digital implica realizar práticas de leitura e de escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital.

Nesse sentido, acredita-se que a leitura e a escrita parametrizadas em uma plataforma que permita ir além da linguagem verbal pode estabelecer uma maior proximidade com as situações comunicativas reais que permeiam as práticas em sociedade, as quais competem também à escola.

O conflito ocorre, sobretudo, diante desta necessidade de adequação do ambiente escolar, tanto aos conteúdos considerados “tradicionais”, quanto às escolhas de instrumentos pedagógicos, uma vez que tal transição objetiva a construção/manutenção de conhecimentos, especialmente no que diz respeito à aquisição e à transformação das práticas de leitura e escrita. Sabe-se que o embate envolve atitudes no plano da gestão escolar e no contexto governamental, porém, pretende-se aqui apenas ater-se à descrição de como a prática didática, que contempla também uma ambientação digital, pode contribuir à educação. Assim:

As novas práticas sociodiscursivas têm dado surgimento a diferentes formas de comunicação que resultam em diferentes maneiras de representar o conhecimento e a experiência. Uma dessas formas é o texto multimodal que diz respeito não só aos textos impressos, mas também aos gêneros digitais que se apresentam em uma combinação de recursos semióticos. (OLIVEIRA & LIMA, 2014, p.5)

Desta forma, propostas pedagógicas que utilizem instrumentos tecnológicos e multimodais como mediadores na construção do saber são importantes, pois suas aplicabilidades vão ao encontro dos conceitos que norteiam o processo de ensino-aprendizagem ao qual o presente trabalho se dispõe; contempla, sobretudo, um trabalho com linguagem enquanto atividade social, mais competência na recepção e produção de

textos e contextualiza as práticas sociais efetivas dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

É sob esta ótica que a prática procurará se desenvolver. A seguir, será descrito um roteiro de práticas de maneira simplificada, visto que, como citado no início do presente trabalho, ainda está em processo de construção.

PROJETO DE LETRAMENTO E MEDIAÇÃO PELO USO DE TECNOLOGIAS MÓVEIS

O projeto proposto para a realização deste estudo² está baseado na metodologia geral de projetos e estudos sobre letramento. Assim, de cunho qualitativo-interventivo destina-se à apropriação de saberes mediados pelo uso de tecnologias e redes sociais e, em contrapartida, revela novas funções a esses dispositivos, proporcionando também multiletramentos.

A escolha pelo *Facebook* justifica-se, principalmente, pela profunda ligação e familiaridade as quais os jovens dos anos finais do Ensino Fundamental II possuem com essa rede social. Portanto, os pilares para o desenvolvimento e prática deste projeto pedagógico serão: a utilização de um ambiente favorável à construção de saberes - o ambiente virtual; bem como a criação e alimentação de um grupo na rede social que permitirá aos alunos a recepção de textos diversos, partindo das fábulas, o compartilhamento de informações e trocas de experiências de leitura.

Trata-se, portanto, de uma concepção de aula interativa e interdisciplinar dentro da disciplina de LP, uma vez que contempla o ensino de língua, tecnologia, letramento e gênero textual literário (multiletramentos).

RESULTADOS E POSSÍVEIS DISCUSSÕES

Como é ainda um projeto a ser aplicado, as análises e discussões acerca dessa prática pedagógica completa ocorrerão em momento posterior. Aqui estarão expostas as considerações que colaborarão para a efetivação do projeto de pesquisa, refinadas pelo piloto que chegou aos pontos seguintes.

² Posteriormente, este estudo culminará na produção de um produto educacional voltado à formação de professores.

De cunho qualitativo-interventivo, a pesquisa se posiciona objetivando a construção de propostas de ensino-aprendizagem inseridas no letramento literário e digital. Os gêneros são instrumentalizados e/ou recondicionados, analisados e discutidos pelo uso de tecnologias móveis.

Quanto a esse contexto de recepção, diversas nuances a serem percebidas *a priori* pelo professor-pesquisador serão necessárias para o desenvolvimento do projeto. Para o presente recorte, foram selecionadas duas categorias de análises/observação:

- a) A instrumentalização digital e multimodal;
- b) A efetivação do processo de ensino-aprendizagem e a construção de saberes mediados pelo uso de tecnologia móvel.

O recebimento e a aceitação da proposta na comunidade escolar serão importantes para a prática. Equipe pedagógica e profissionais que atuam na escola no campo de TI serão coadjuvantes necessários para efetivação do projeto, que, dentro do contexto de muitas escolas da rede pública de ensino, pode ser considerado inovador.

Caberá à escola, portanto, disponibilizar principalmente acesso à *internet* e uma senha exclusiva para que os alunos tenham acesso à rede. Dessa forma, os alunos participantes da pesquisa e que já fazem uso de dispositivos móveis poderão realizar as atividades propostas em sala de aula de forma mais abrangente. Vale lembrar, nesse ponto, que a escola da pesquisa já possui histórico de outras aplicações também guiadas pelo acesso à rede. Para os alunos da pesquisa, além do material escolar, serão utilizados seus aparelhos *smartphones*. Para tanto, o projeto tem enquanto amparo legal a lei estadual nº18118/2014 que permite o uso de celular em sala de aula para fins didáticos.

Entende-se que, em algumas escolas e regiões brasileiras o acesso a tais instrumentos e possibilidades é restrito; porém para a execução do projeto, a rede móvel de telefonia ou a rede *wi-fi* da escola são imprescindíveis.

Finalmente, pode-se indicar que o trabalho com tecnologia móvel dentro do ambiente escolar depende de uma série de implicações de cunho estrutural e tecnológico que acabará por conduzir ou não o modo de trabalho e atividades dos profissionais da educação.

CONCLUSÃO

Este trabalho contemplou revisão teórica de duas vertentes: a primeira parte da prática didática com gêneros textuais, de acordo com Marchuschi (2008), ao descrever a proposta de Bronckart “o trabalho com gêneros é interessante na medida em que eles são instrumentos de adaptação e participação na vida social e comunicativa” (p. 221); a segunda baseia-se nessa afirmação para propor uma prática com o gênero textual literário em ambientação virtual, aplicando a fala do autor à realidade dos alunos inseridos na sala de aula.

Independentemente da inclusão do mundo digital no ambiente escolar, a prática proposta está alinhada a uma maneira diversa de ler e atribuir significado, além da concepção de linguagem interacionista. Nesta direção, é tendência para o desenvolvimento do trabalho, enquanto prática didático-pedagógica: observar e adequar as abordagens com a realidade do alunado, rompendo o embate entre o mundo “analógico” da sala de aula tradicional e o mundo “digital”, este último espaço principal de inserção dos alunos nas suas práticas de comunicação e interação sociais diárias.

Ao propor uma atividade de intervenção pedagógica que utiliza a inserção tecnológica para promover a aprendizagem, objetiva-se desenvolver competências linguísticas e discursivas no contexto escolar respeitando a realidade histórico-social do aluno. A partir dos conceitos de letramento e trabalhos com gêneros textuais e discursivos (estejam eles em ambientes virtuais ou não), o presente trabalho almeja contribuir enquanto fator de aprimoramento intelectual, ou seja, na capacitação da articulação da língua nas diferentes linguagens que o contexto social exige do educando.

Ao construir uma prática que estabelece diálogo com a realidade e que contempla o inovador, serão os gêneros textuais, em especial a fábula, que articularão as atividades práticas da linguagem. Isso desenvolverá nos alunos inseridos neste contexto as competências linguísticas necessárias para que eles se familiarizem mais com a língua e com as diferentes formas de interação.

REFERÊNCIAS

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de Linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KÖCHE, Vanilda Salton. **Estudo e Produção de Textos: Gêneros Textuais do Reatar, Narrar e Descrever**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Camila Mota; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Leitura, Escrita e as Inovações Tecnológicas: interagindo com o texto no ambiente escolar**. In: In: Hipertextus Revista digital. Volume 12, 2014.

PARANÁ. **Lei nº18.118/2014**. Disponível em: <http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/listarAtosAno.do?action=exibir&codAto=123359>

PORTELLA, Oswaldo. O. A fábula. **Letras**, Curitiba, v.32, p.119-138, 1983.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS, G. J. F. *O Gênero Textual Acadêmico Unidade Didática*. In: ANDRADE, M. A. B. S.; ROCHA, Z. F. D. C. (Org.). **Propostas Didáticas Inovadoras: As TIC no Ensino de Ciências**. Maringá: Gráfica Editora Massoni, 2014. p. 11 – 20.

SOARES, M. **Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Ciberultura**. Educ. Soc. v.23. n.81 Campinas Dec. 2002.

_____. **Letramento: Um Tema em Três Gêneros**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2012.

VALE, Luiza V. P. Narrativas Infantis in SARAIVA, Juracy A. (organizadora). **Leitura e Alfabetização: do plano do choro ao Plano da ação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

XAVIER, A. C. **Letramento Digital e Ensino**. In: Alfabetização e Letramento. CEEL, 2005.

OS AUTORES

Rejane Aguiar da Silva é mestranda em Ensino de Ciências Humanas (UTFPR, 2016) e Especialista em Literatura Brasileira (UEL, 2008). É professora atuante no Ensino Fundamental e Médio nas redes estadual e particular de ensino no estado do Paraná. Pesquisa principalmente nos seguintes temas: leitura e formação de leitores, produção

educacional para Letramento, ensino de Língua Portuguesa com foco em multimodalidades e gêneros digitais, estudo de gêneros textuais em LA, literatura brasileira e ensino.

E-mail: rejaneaguiar@gmail.com

Evandro de Melo Catelão é doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2013). Possui Graduação em Letras Português/Francês pela Universidade Estadual de Maringá e Mestrado em Educação pela mesma instituição. Professor adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Londrina. Atua e tem pesquisas na área de Linguística Textual, em temas como: Gêneros de Discurso, Argumentação, Retórica; Leitura e Produção de Textos Acadêmicos.

E-mail: evandrocatelao@gmail.com